

RUA DOS CRAVOS

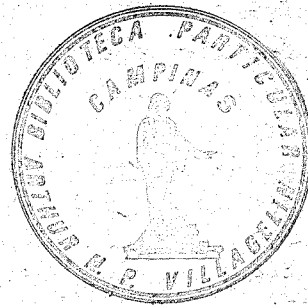
Decreto nº 3962 de 17-11-1971, Artigo 1º, Inciso IV

Formada pela rua 4 das Chácaras Primavera
Início na rua Jorge de Figueiredo Correia
Término na rua das Orquídeas
Chácaras Primavera

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Orestes Quércia.

CRAVOS

O cravo é uma planta perene aclimatada no Brasil, florescendo em todas as regiões do país, adaptando-se, entretanto, melhor na serra ou zonas montanhosas. Os cravos estão incluídos no grupo *Dianthus*, nome este derivado de uma denominação antiga, atribuída a essas plantas por Theophrastus (300 AC) com o significado de "flôr dos deuses" em virtude do suave aroma que dela se exala. Já em tempos mais recentes, a ciência atribui aos cravos o nome específico de *Caryophyllus*, dada a semelhança de seu aroma com o conhecido cravo-da-Índia, especiaria originária da planta *Caryophyllus aromaticus*. As suas folhas são estreitas e verde-azuladas e as flôres variam muito de cor: brancas, vermelhas, roxas, róseas, etc, podem ser simples ou duplas. Existem diversas variedades de *Dianthus caryophyllus*, cultivadas há séculos com fins decorativos, aromáticos e medicinais. Além de suas realçadas belezas, os cravos possuem propriedades usadas na química e na medicina. O cravo vermelho é considerado béquico e tônico. Com suas pétalas prepara-se um xarope excelente contra afecções do peito e chás indicados nos casos de vertigens e dores de cabeça. O sabor e o aroma do cravo são característicos. As pétalas das flôres podem ser empregadas para condimentar cervejas e vinhos, confeitadas e consumidas como doces ou utilizadas para corrigir o gosto de certos medicamentos. Devido sua fragrância, é muito usado em bolsinhas de ervas usadas para perfumaria, armários e roupas. Na linguagem poética e dos namorados, os cravos possuíam grandes significados. O notável escritor brasileiro Humberto de Campos pretendendo homenagear às mães, sugeriu um uso de cravos à lapela: àqueles que tinham mães, no Dia dedicado à elas, usassem um cravo vermelho, em sinal de alegria, e aqueles que não mais tinham mães, usassem um cravo branco, em sinal de respeito e saudades.

**DECRETO N.º 3962, DE 17 DE NOVEMBRO DE 1971****Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969.

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — RUA MIOSÓTIS, a rua n.º 1, do loteamento Chácaras Pri-

mavera, com início na rua Jorge de Figueiredo Corrêa e término na rua 11 do mesmo loteamento.

II — RUA GIRASSOL, a rua n.º 2, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua Jorge de Figueiredo Corrêa e término na divisa do loteamento.

III — RUA DOS LÍRIOS, a rua n.º 3, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua Jorge de Figueiredo Corrêa e término na rua 7 do mesmo loteamento.

IV — RUA DOS CRAVOS, a rua n.º 4, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua Jorge de Figueiredo Corrêa e término na rua 7 do mesmo loteamento.

V — RUA JASMIM, a rua n.º 5, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rodovia estadual Campinas — Mogi-Mirim e término na divisa do loteamento.

VI — RUA DAS ORQUÍDEAS, a rua n.º 7, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua Jorge de Figueiredo Corrêa e término na rua 5 do mesmo loteamento.

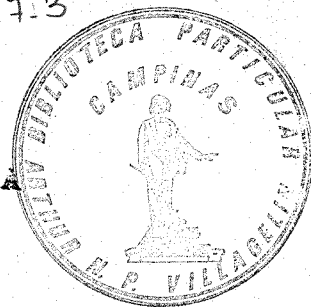
VII — RUA DAS CAMÉLIAS, a rua n.º 8, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua n.º 1 do mesmo loteamento e término na rua 5 também do mesmo loteamento.

VIII — RUA DAS MARGARIDAS, a rua n.º 9, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua 1 e término na rua 5 do mesmo loteamento.

IX — RUA DAS HORTÊNCIAS, a rua n.º 11, do loteamento Chácaras Primavera, com início na rua Almeida Garret e término na rua 5 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 17 de novembro de 1971



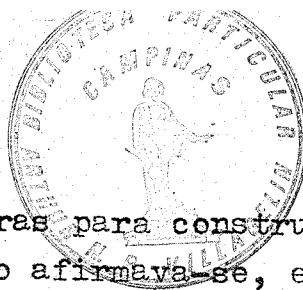
OS CRAVOS TÊM UMA HISTÓRIA CURIOSA

A historia dos cravos remonta aos mais antigos tempos. Incluído juntamente com as cravinas, no grupo *Dianthus*, derivou-se este nome de uma denominação antiga, atribuída a essas plantas por Theophrastus (300 AC), com o significado de "flor dos deuses" em virtude do suave aroma que dela se exala. Já em tempos mais recentes, a ciência atribui aos cravos o nome específico de *caryophyllus*, dada a semelhança de seu aroma com o conhecido cravo-da-Índia, especiaria originária da planta *Caryophyllus aromaticus*.

Bastante curiosa é a origem da palavra cravo. Os povos co-ingleses chamam essa planta de "carnation", a qual supõe-se ser uma abreviação de "incarnacyon", palavra esta que foi empregada pela primeira vez em 1538 por Turner. Outras formas dessa mesma palavra, prováveis corruptelas, foram empregadas por Lyte, em 1619, designando os cravos por "coronation" ou "cornation" atribuindo-se o emprego dessas palavras como alusão à coroa, pelo fato de as pétalas dos cravos serem dentadas. Entretanto, é quase certo que "carnation" derivou-se do latim "carnatio" com referência à cor de carne das espécies e dos tipos primitivos de crevos, de acordo com as obras de John Gerard publicadas no século 16.

Nem sempre, porém, os cravos tiveram aquela designação na língua inglesa. Muitas referências foram encontradas no século 14 dizendorespeito a "gilofre", "ieloffer" (Skelton), "gillyvore" (Shakespeare), "gely floures" (B. Googe), todas referindo-se a cravos, e com uso mais comum, "gillyflower". A origem desses termos é muito curiosa. Assim, o grego "caryoplyllon" e o árabe "quaranful" teriam dado "garofolo" em italiano e "giroflée" em francês. Posteriormente, as palavras "gillyflower" e "giroflée" - usadas para designar cravos, passaram a designar os goivos também. Modernamente, designam exclusivamente os goivos, respectivamente em inglês e em francês.

A origem do cravo é legendária. No primeiro século, Plínio dizia que o cravo havia sido descoberto na Espanha, dele utilizando-se os espanhóis para conferir aroma a certas bebidas. Sem dúvida, este uso persistiu através dos séculos, visto que um dos nomes populares, ingleses, aplicado aos cravos, era "sops-in-wine". Com relação à introdução dos cravos na Inglaterra, país que se destacou na obtenção de variedades notáveis, Canon Ellacomb sugeriu que intencionalmente ou por acaso, o cravo havia sido introduzido durante a conquista norman



da, quando da importação de pedras para construção, por parte dos normandos. E a esse respeito afirmava-se, em 1874, que a espécie selvagem crescia nas paredes de pedra do castelo de Guilherme, o Conquistador, em Falaise, dizendo-se, ainda, ser espontâneo no castelo de Rochester e mesmo em outras ruínas normandas da Inglaterra.

As variedades de cravos mais antigas eram vermelhas ou brancas, e outras cores não eram conhecidas em cultivo. Em 1722 Fairchild já falava de variedades daquelas cores a mais as arroxeadas. Entretanto, com o trabalho de cultivadores holandeses, pouco tempo depois, já eram conhecidas mais de 90 variedades, elevando-se logo a mais de 350. Daí surgiu uma primeira tentativa para classificação dos cravos. Eram classificadas em duas categorias: principais, de acordo com o cálice: de flores inteiras e de flores arrebitadas (Burstler Flowers), cada uma delas com uma série de subdivisões de acordo com o tipo, colorido e forma das pétalas.

Cultivado a princípio em terra ao ar livre, com o aprimoramento das variedades, passou a ser cultivado, já em 1754, ao abrigo de estufas, com o objetivo de serem obtidas flores maiores e melhores. E no século 19 o cultivo de cravos em estufas atingiria elevada supremacia, com a obtenção dos chamados cravos nobres, de grande tamanho e beleza de colorido.

(Autor: Hermes Moreira de Souza)

(Suplemento de "O Estado de S. Paulo")

Tipos de cravos



Os cravos cultivados abrangem diferentes tipos de plantas, prestando-se cada uma delas para uma finalidade especial, conforme se tenha em vista a obtenção doméstica ou comercial de flores de corte, o plantio de jardineiras ou de vasos, a decoração de canteiros etc. Principalmente na Europa esses diferentes tipos de cravos exercem uma função importante, por gozarem de grande prestígio popular, facilitado pelas condições de clima que no nosso meio, salvo algumas exceções, são um tanto adversas para essas plantas.

Um dos mais importantes tipos de cravos é o que constitui o grupo dos cravos nobres, conhecidos também como cravos das floriculturas, que se destacam pelo vigor e porte elevado das plantas, grande tamanho e riqueza de colorido das flores. Esses cravos foram desenvolvidos principalmente nos Estados Unidos e por esse motivo são chamados também de cravos americanos. Entre nós são conhecidos pelo nome de cravos japoneses, não por serem originários do Japão e sim por serem cultivados com grande eficiência e técnica por elementos da colônia japonesa. Magníficas exposições desse tipo de cravos têm sido proporcionadas em S. Paulo, pela Sociedade dos Amigos da Floricultura, estando representadas principalmente as variedades William Sim, Red Sim, White Sim e Peppermint Stick. Este tipo de cravo constitui a maior parte do comércio fino de cravos de diversos países da Europa, como Itália, França, Alemanha e Inglaterra, assim como de outros países sul-americanos, com especial destaque da Argentina.

Um tipo muito comum em nossos jardins antigos é o dos cravos remontantes, de florescimento perpetuo ou continuo. Como seu nome indica, são plantas de florescimento constante, resistentes, capazes de prosperarem mesmo nas nossas condições mais adversas. Entre nós ocorrem em diversas cores, principalmente vermelho, branco e rosa. As flores, ao contrário do que acontece com as do tipo anterior, são dotadas de aroma intenso e característico.

As pessoas que adquirem semente de flores já terão sem dúvida observado envelopes de sementes de cravos com os nomes de cravos Chabaud e cravos Margarida. São cravos de ciclo anual ou no máximo bi-anual, o qual terminado, resulta no perecimento das plantas, podendo-se obtê-las novamente através de nova sementeação. Os cravos Chabaud originam-se da França e os cravos Margarida, da Itália. Suas flores costumam ser vistas entre nossos feirantes que fazem um comércio regular com as mesmas. Não são de grande tamanho, porém, ocorrem em vasta gama de cores, proporcionando a formação de belos buquês. As sementes devem ser adquiridas, todos os anos, de viveiristas especializados, todos eles estrangeiros, pois, não temos ainda produtores nacionais das mesmas.

Existem ainda outros tipos de cravos, como cravos Malmanson, originários da França e de grande aceitação na Europa pelo vigor das plantas. Outro tipo curioso é o dos cravos granadinos, assim chamados pelo colorido característico, vermelho-romã de suas flores. Pelo aroma acentuado que as flores apresentam, foram empregados na França para aromatizar licores.

Outros tipos não menos curiosos de cravos, alguns ainda inéditos entre nós, são constituídos pelos cravos pendentes, pelos cravos de bordadura dos ingleses, pelos cravos dos jardins de pedra, pelos cravos plumosos.

HERMES MOREIRA DE SOUZA